

# PIB pífio

09 MAR 2006

**DIOCLÉCIO CAMPOS JÚNIOR***Médico, é professor titular da UnB  
dicampos@terra.com.br*

O indicador que mais cresce na economia brasileira é o número de economistas por metro quadrado de mídia. Nunca houve tanto comentarista econômico no dia-a-dia do país. Ora arrogantes, menos sábios. Ora mais científicos, menos senhores da verdade. São, porém, idênticos nos cacoetes do ofício. Dizem, quase sempre, as mesmas coisas, afinados com as versões oficiais dos fatos. Analisam a realidade, interpretam indicadores, prognosticam crescimento ou vislumbam catástrofes. Assemelham-se aos meteorologistas, com os quais parecem ter aprendido o hábito de fazer previsões contrariadas pelas intempéries que estavam fora de cogitação.

De tanto vê-los dizendo coisas pouco aplicáveis à vida real, o cidadão repete jargões dessa cartomancia de conveniência. Passa a entender parte dos conceitos que a fundamentam. Chega a duvidar das boas novas anunciadas diariamente. Aprende com os analistas econômicos da mesma forma que se instrui com os comentaristas de futebol. Torna-se técnico,

com direito a opiniões originais e divergências autênticas. É o preço da liberdade de expressão.

Assim como no futebol, os resultados da economia costumam surpreender. As zebras não são raras. Andam soltas, indomesticáveis. Aparecem quando menos se espera, para espanto dos que omitem sua existência. É o que ocorreu com o PIB brasileiro em 2005. Economistas oficiais projetavam crescimento de 4,5% da riqueza nacional. Erraram. O IBGE divulgou a cifra real, mostrando aumento de apenas 2,3%, bem abaixo dos 4,9% registrados em 2004. Feitas as comparações entre países da América Latina, no mesmo período, a zebra é assustadora. Abaixo do Brasil há apenas o Haiti, cujo PIB cresceu 1,5%. A Argentina teve expansão de 9,1%, a Venezuela de 9,0%, o Chile de 6,0% e o México de 3,0%, para citar apenas os que nos são mais parecidos. Pior ainda foi o comportamento do PIB per capita, indicador mais apurado de incremento da riqueza. O aumento não passou de 0,8%, quando em 2004 foi de 3,4%.

Os meteorologistas da economia enganaram-se. Anunciaram sol e veio a tempestade. Para evitar pânico, os números foram divulgados na véspera do carnaval, quando a anestesia coletiva já es-

tá instalada e a mídia só fala de samba, frevo, trio elétrico, comissão de frente, porta-estandarte, ala das baianas, harmonia, tradição, salgueiro, mangueira, caprichosos e outros pilares da euforia total. O carnaval cresceu enquanto o país encolheu. O povo dançou e não se deu conta. O peso da realidade ressurgiu sempre das cinzas da quarta-feira, quando as consciências voltam a funcionar.

As propagandas de governo exibindo portos hiperativos na exportação, exaltando recordes de todas as balanças, festejando superávits impressionantes ou a generosa antecipação do pagamento de dívida ao FMI, não foram suficientes para manter a ilusão de crescimento do país. Em matéria de distribuição de renda, só ganhamos de Serra Leoa. Em expansão do PIB só não perdemos para o Haiti, que Gilberto Gil diz ser aqui. Porém, quando se considera o lucro dos bancos, somos imbatíveis. Os ganhos do Itau, Bradesco, Banco do Brasil e Banespa, referidos ao seu patrimônio líquido, superaram os dos cinco maiores bancos dos Estados Unidos. O Brasil pode não ser paraíso fiscal, mas é um éden bancário. O enriquecimento fabuloso dos banqueiros em 2005 convive com a desaceleração do PIB. Difícil descartar a re-

lação de causa e efeito entre os dois fenômenos.

No Fórum Social Mundial de Caracas surgiu novo indicador de desenvolvimento. É o Índice de Capacidades Básicas (ICB). Ademais do desempenho da macroeconomia, o índice computa os investimentos estatais nas áreas de saúde e educação. Inclui também o número de partos atendidos por profissionais de saúde, a mortalidade infantil e o número de estudantes que concluem a quinta série escolar, três aferidores sensíveis da evolução social. Os países da Europa ocidental estão na faixa mais elevada da classificação, próximos ao total máximo de 100 pontos. O Brasil, que investe apenas 3,1% do PIB em saúde contra 11,7% aplicados no pagamento da dívida externa, soma 88 pontos no ICB. Coloca-se em baixo nível de desenvolvimento de capacidades básicas, distante da possibilidade de cumprir as metas do milênio.

Além de meteorologistas, comentaristas esportivos e analistas econômicos, a mídia precisa incluir, na sua programação diária, comentaristas que se ocupem dos indicadores sociais. Afinal, sem a erradicação da pobreza e das desigualdades, a riqueza do país será sempre um blefe. E o crescimento do PIB pífio.